

DEMOCRACIA X FAZ DE CONTA: QUANDO AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS AMEAÇAM A EQUIDADE NO DESEMPENHO ESCOLAR?

Natércia de Andrade Lopes Neta*
natercia.lopes@ufpe.br

RESUMO

A democracia proporciona o direito de escolha para todas as camadas da sociedade, mas as opções não parecem ser equitativas. Os possíveis modelos explicativos para as desigualdades escolares trazem a recorrente relação entre o sucesso escolar e as condições sociais, contudo casos de êxito de classes menos favorecidas economicamente instigam investigações sobre os sentidos compartilhados pelos encarregados da educação sobre a Escola e a influência das expectativas positivas sobre o desempenho escolar dos filhos. O presente artigo traz um ensaio teórico sobre as representações sociais de escola para professores e encarregados da educação que nos mostram o que deveria ser a função social da escola e onde as condições socioeconômicas podem estar impedindo a promoção dos sujeitos. Percebemos pelos estudos de Gilly (2001), Ribeiro (2004), Pinto (2006), Araújo (2008) e Peres (2012), que a escola é um lugar de excelência para o crescimento social e cultural dos filhos, mas ao mesmo tempo os pais se sentem incapazes de ajudá-los e o sucesso escolar torna-se quase impossível diante das dificuldades vivenciadas pelas famílias pobres e de baixa escolaridade. Em contrapartida, os estudos de Simões (2012) e Lopes Neta (2013), mostram os sentidos compartilhados pelos professores diante desta demanda de alunos com necessidades tão distintas.

Palavras-chave: representações sociais de escola; professores; encarregados da educação; violência.

1 INTRODUÇÃO

Lecionar nunca foi uma tarefa fácil. Os desafios encontrados em sala de aula foram se modificando com o passar do tempo e ficando cada vez mais complexos. A diversidade de alunos e interesses pela escola tem colocado o professor diante de um saudosismo pela escola que era, onde o respeito pela figura do professor e pela escola era indiscutível. Nestes moldes, não é difícil conjecturar que uma escola frequentada por adolescentes em conflito com a Lei, ou seja, que cometeram infração, não seja tão bem quista pelos professores e que isso gere um impacto tão grande dentro da instituição a ponto de abalar os resultados escolares.

Ao pesquisar sobre a relação entre a presença de infratores e apenados no seio escolar e o desempenho em Matemática aferido pela Prova Brasil, Lopes Neta (2013) encontrou um resultado diferente do esperado. O baixo desempenho em Matemática era provavelmente influenciado pelo contexto social marcado pela violência no bairro em que a Escola estava

* Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra; Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco; Especialista em Gestão Escolar e Graduada em Matemática pela Universidade Federal de Alagoas.

inserida, e não pela presença de alunos em conflito com a Lei dentro da escola, como se hipotetizava.

Os bairros considerados com alto índice de violência eram também os com maior índice de vulnerabilidade social dos moradores. Este fato aliado ao exposto acima nos mostra que a situação de pobreza e de falta de segurança a que são submetidos os sujeitos da comunidade escolar está impactando negativamente o desempenho dos alunos.

Pois bem, a escola não está imune ao que se passa em sua comunidade, ao contrário, a escola reflete a comunidade em que está inserida. Seus muros não a deixam menos suscetíveis a uma realidade indesejada.

Diante destes resultados levantamos as seguintes questões: Como a escola situada em bairros considerados violentos e em bairros considerados menos violentos é vista pelos professores e encarregados da educação? Que função a escola tem para os pais a ponto de motivá-los a matricular seus filhos? Os sentidos compartilhados pelos professores e pais sobre a escola inserida em bairros com condições sociais desfavoráveis poderia justificar este baixo desempenho?

Conjecturamos que quando os sujeitos são submetidos a situações críticas econômico-sociais e de segurança social eles deixam de acreditar na escola como mecanismo de ascensão social, esta é a hipótese que pode ser refletida nas representações sociais de escola e que pode justificar o desinteresse pela educação.

Procuramos neste artigo analisar as representações de escola por professores e encarregados da educação em pesquisas científicas e sua relação com o contexto social em que os sujeitos estão inseridos, na tentativa de compreender as implicações das percepções dos sujeitos sobre a escola para o sucesso escolar.

2 ALCANCE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais apresentam o que diz o senso comum. Como Moscovici (2012)¹ coloca, não é um conceito fácil de ser formado porque não se reduz a traços psicológicos e sociais. Não é uma simples opinião sobre determinado objeto, nem um mito construído culturalmente, nem somente uma imagem que representa um objeto. Para o autor, quando um sujeito exprime uma opinião sobre um objeto “ele já tem representado alguma coisa do objeto, o estímulo e a resposta são formados juntos” (MOSCOVICI, 2012, p. 45).

¹ Obra original publicada em 1961 com o título *La psychanalyse son image et son public.*

Para compreender o que o grupo de sujeitos diz sobre um objeto, como ele o representa, é necessário ir além do que se externa. É necessário interpretar o que há por trás deste universo consensual. E isso implica compreender porque ele representou o objeto desta forma (processo de objetivação) e como ele o ancorou (processo de ancoragem) no que já havia de concreto dentro de si, formado por suas experiências, crenças, atitudes e pelas informações científicas e populares veiculadas.

Entendemos que as representações sociais são conjuntos dinâmicos formados pelos sujeitos sobre um objeto que faz parte do seu habitat, onde as comunicações, valores e ideias que circulam na sociedade são submetidos às crenças dos sujeitos sobre este objeto e se tornam conhecimento empregado pelo grupo na vida cotidiana.

De acordo com Moscovici (2012, p. 260) as representações sociais têm duas funções: “contribuir para a gênese das condutas e da comunicação social”, ou seja, os sujeitos se familiarizam com o estranho/desconhecido e tornam-no familiar, ao passo que orientam a comunicação e a sua prática, uma vez que agem (agimos) de acordo com o que acreditam (acreditamos). Todavia durante o processo de análise e compreensão das representações sociais devemos considerar que os sujeitos podem não concordar com o que se veicula, mas mesmo assim, reproduz os discursos para preservar sua opinião e não ir de encontro ao que o grupo a que pertence acredita. Abric (2000) diz que esta é a função identitária das representações sociais, porque a partir dela é possível saber a que grupo pertence e futuramente permite que este grupo justifique e legitime (função justificadora) a sua tomada de decisão.

Este lugar que guarda as crenças latentes dos entrevistados é a chamada zona muda que tem um caráter não normativo – se desvincula do que é consensual ao grupo. Menin (2007) traz a (zona de) deseabilidade social como um sinônimo deste espaço onde os pesquisados falam o que acham ser correto pela pressão exercida pelo grupo que pertencem (pressão normativa) ou para agradar ao pesquisador, mas sua opinião externada não condiz com o que realmente acreditam. Estes elementos latentes fazem parte das representações sociais, mas são omitidos pelos sujeitos para evitar conflitos morais e julgamentos que os desviem da norma social.

As representações sociais se encontram com a problemática iniciam das percepções de pais e professores sobre a escola em ambientes críticos porque, como aponta Gilly (2001)², através da representação social de escola é possível compreender além das relações de

² Obra original publicada em 1989 com o título *Las representaciones sociales en el campo educativo*..

pertença, comportamentos e atitudes dos sujeitos, o impacto desta representação na sua prática.

Adiante apresentamos pesquisas que versam sobre a escola como objeto social e como os sujeitos se vêem diante deste objeto, revelando suas crenças, suas potencialidades e seu contexto social que influenciam as representações e ao mesmo tempo são influenciados por elas.

3 A ESCOLA NAS PESQUISAS PIONEIRAS

As pesquisas que trabalham com as representações sociais no campo da Educação tornaram-se vitrines da Teoria desenvolvida por Moscovici (1961). A Escola é um objeto de representação social capaz de mostrar a influência do meio social sobre o sujeito e a importância do sujeito na construção do seu contexto.

Gilly (2001) traz umas das primeiras pesquisas no campo da educação com a Teoria das Representações Sociais, e nos mostra como a Escola é vista por ela mesma, pelos inspetores de ensino, professores e pais. E como, a partir desta representação, é possível compreender as percepções dos professores sobre o aluno.

Em meados da década de 80, pesquisas apontaram que os professores não acreditam em um sistema educativo igualitário, em que todos os alunos independentes de classes sociais, têm as mesmas condições na escola, mesmo sendo este o discurso oficial que se veiculava na mídia francesa. Todavia, estes professores repassam este discurso para os encarregados da educação como uma forma de se preservar. Se este é o discurso “correto” eles retransmitem-no, mas é a crença de que existem alunos bons e maus destinados a percursos escolares diferentes que vai orientar sua prática.

As representações sociais de Escola por pais de alunos nos mostram o quão contraditório é o espaço das representações. De um lado os pais veem a escola como uma possibilidade de reabilitação cultural e social para seus filhos, em que eles podem se encaixar numa profissão com maior status do que a de sua família, por outro lado os pais colocam na balança a sua “inferioridade” social e acabam se conformando com uma escola que oriente seus filhos a seguir as mesmas profissões.

A pesquisa de Siano trazida por Gilly (2001) apresenta um grupo de pais camponeses que reivindicam igualdade e justiça social, que crêem nas possibilidades de êxito da criança num trabalho conjunto entre escola e família, mas diante das dificuldades da criança na escola e as condições ambientais extrínsecas (possibilidades materiais e culturais da família) o

discurso que legitima a estagnação social dos filhos é a ausência de dons para os saberes escolares.

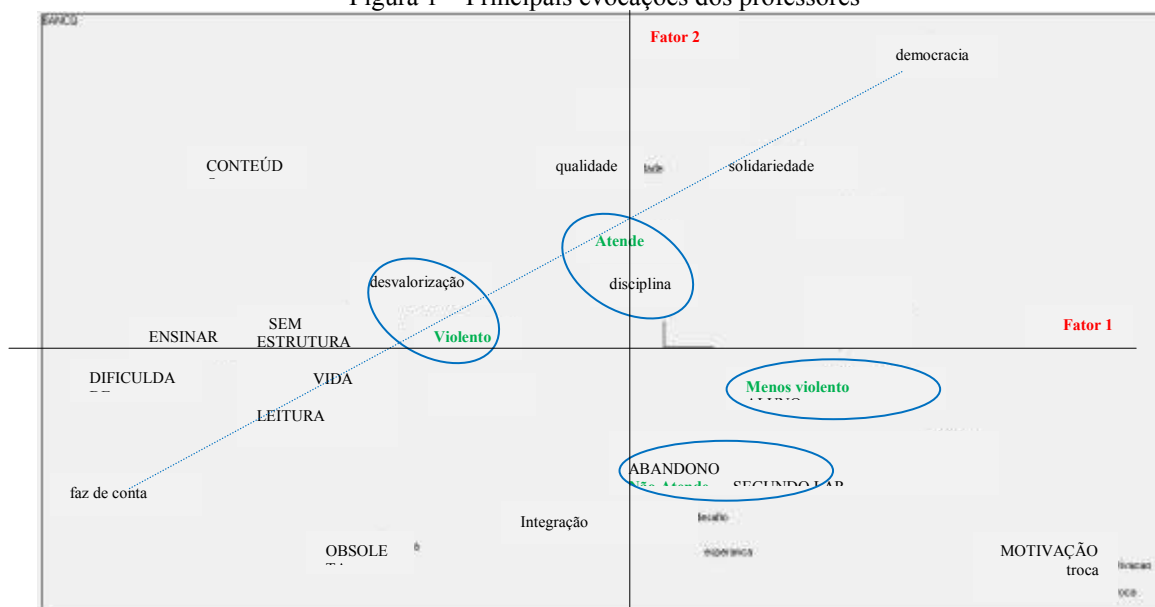
Os pais se conformam com o fracasso escolar do filho com a justificativa da “coexistência da fidelidade ao valor ancestral do trabalho manual” (GILLY, 2001, p. 330). Para os pais pesquisados “a escola, não mais do que o meio familiar, não pode dar à criança o que esta não possui” (GILLY, 2001, p. 331). E com esta justificativa aceita-se o fracasso dos seus filhos e a função seletiva da escola.

4 A ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES: O PESO DO CONTEXTO SOCIAL NO DESEMPENHO ESCOLAR

Resgatando os dados da pesquisa de Lopes Neta (2013), apresentamos o tratamento dos dados realizado pelo software TRIDEUX. Foram sujeitos desta pesquisa 400 professores da rede pública divididos em quatro grupos de 100 participantes: professores de escolas que atendem a adolescente em conflito com a Lei situadas em bairros violentos, professores de escolas que não atendem a adolescentes em conflito com a Lei situadas em bairros violentos, professores de escolas que atendem a adolescentes em conflito com a Lei e em bairros menos violentos, e professores de escolas que não atendem a adolescentes em conflito com a Lei em bairros menos violentos.

A variável independente era o atendimento a este grupo específico de alunos e a variável parasita – encontrada nos estudos pilotos e possível influenciadora das evocações – era o índice de violência no bairro em que a escola estava inserida. O objeto de estudo foi a relação entre a presença de adolescentes em conflito com a Lei dentro da escola e o desempenho escolar em Matemática. Como instrumento de coleta usamos o Questionário de Associação Livre de Palavras, onde cada pesquisado deveria escrever 5 palavras que lhe viessem a mente quando lessem o termo indutor ESCOLA.

Figura 1 – Principais evocações dos professores



Fonte: Pesquisa de Lopes Neta (2013).

Dados tratados com o software TRIDEUX. $CPF \geq 20$, $20 \leq CPF F1 \leq 59$, $20 \leq CPF F2 \leq 75$. Inércia acumulada: 78%. As palavras em maiúsculo pertencem ao fator 1 e em minúsculo ao fator 2.

Pela Figura 1 percebemos as maiores evocações dos professores que trabalham em bairros violentos traduzidas em sentimentos de desvalorização. É uma oposição – não conseguimos captar o perfil da escola – que traduz os sentidos e significados dos professores pesquisados sobre a escola: democracia x faz de conta.

Uma possível explicação para estes achados poderia estar ancorada no fato do professor não sentir seu trabalho reconhecido pelos alunos ou encarregados da educação, talvez por estes entenderem que numa situação de desconforto social com risco iminente às suas próprias vidas a escola não faça sentido, o que corrobora com os resultados encontrados por Simões (2004) que o leva a afirmar que as condições socioeconômicas desfavoráveis a que são submetidas às famílias “pode comprometer as expectativas das crianças para um futuro livre da pobreza e privações” (SIMÕES, 2004, p. 16, tradução nossa).

Na perspectiva do professor, a escola pode não estar sendo vista como mecanismo de ascensão social para os pais, mas como um paliativo onde os alunos são matriculados devido a obrigatoriedade do ensino, facilitado pela expansão do número de vagas e auxílio financeiro para as famílias das crianças que estão na Escola. Neste sentido, o local de ensino e de aprendizagem, torna-se para o professor um faz de conta, um verdadeiro depósito de crianças e adolescentes desvirtuada de sua função de educar e de formar cidadãos, como consequência “os indivíduos produzem condições iniciais desiguais que os impossibilitam de cobrar políticas e serviços públicos que possam se converter em benefícios reais” (SIMÕES, 2012, p. 52, tradução nossa).

A democracia que vem com o discurso de uma escola para todos, com livre acesso e permanência, está esbarrando em dificuldades dentro e/ou fora da escola que impossibilita o processo educativo. Pela Figura 1, julgamos que esta situação seja mais crítica em bairros com alto índice de violência.

5 A ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS PAIS: O PESO DO CONTEXTO SOCIAL NA AUTOESTIMA

Ribeiro (2004) procurou investigar a relação família-escola, como ela estava acontecendo e como os pais vivenciavam esta relação. Foram realizadas entrevistas e grupos focais com 22 pais de uma escola pública de São Paulo e entrevistas estruturadas com 10 professores, além de observação participante na escola.

Nesta escola pesquisada, a maior reclamação dos professores era que os pais “não davam um jeito nos filhos” (RIBEIRO, 2004, p. 85), então a investigadora buscou perceber até que ponto os pais estavam compreendendo como deveriam intervir para ajudar a Escola e o que a Escola esperava destes pais.

Durante a pesquisa documental, a autora percebeu que por mais que diretores e professores fizessem um discurso ressaltando a importância da família na escola, nos regimentos, projetos e propostas pedagógicas foi observado que a relação que se estabelece com as famílias é de prescrição de deveres e exposição dos pais que não colaboram com a Escola (RIBEIRO, 2004, p. 109).

O lócus de pesquisa atende a alunos de dois bairros com realidades bem distintas. O bairro A (ver rodapé³) possui uma infraestrutura adequada com a população de classe média enquanto o bairro B possui uma situação precária em termos estruturais com grande incidência de tráfico de drogas, e sua população é de nível socioeconômico baixo.

É possível perceber pela fala dos pais – muito bem transcritas pela pesquisadora – que os moradores do bairro A culpam os moradores do bairro B pelo crescente número de roubos na região. Percebemos também pela entrevista realizada por Ribeiro (2004) que os pais do bairro A quando questionados sobre a escola apontam discriminações por cor e classe social dentro da instituição, enquanto que os pais do bairro B agradecem à Escola pelo crescimento dos filhos.

³ Assumimos esta identificação para não expor o nome dos bairros, contudo eles aparecem no trabalho de Ribeiro (2004).

De acordo com a autora, os pais com menor escolaridade assumem uma postura defensiva, ao invés de avaliarem a escola, eles justificam as eventuais falhas da instituição pelas dificuldades encontradas por ela, dando apoio irrestrito à Escola. Estes pais também apontam as dificuldades encontradas pelas pessoas que “não tem estudo” (RIBEIRO, 2004, p. 165), para eles quem não estuda não é cidadão porque não pode tirar os documentos, não sabe questionar, vive dependendo dos outros, é ignorante e não sabe debater com quem estuda.

Os encarregados da educação valorizam a escolarização dos filhos. Para eles é o único caminho para a ascensão social, mas também apontam que o sucesso na vida depende de outros aspectos. As dificuldades enfrentadas por estes encarregados da educação durante a fase escolar, como a necessidade de trabalhar, a falta de auxílio em casa, são usadas como uma forma de justificar o fracasso dos filhos. O que mostra um todo contraditório que se organiza as representações sociais, e a busca pela legitimação do discurso, ou seja, aceita-se o insucesso do filho porque eles (encarregados da educação) também fracassaram no passado.

Os encarregados da educação revelam que a escola tem a função educativa de vigiar e enquadrar os maus alunos para que eles assumam uma postura de docilidade perante a sociedade, este fato se aproxima do que foi apresentado na Figura 1, onde nos bairros com alto índice de violência a função da escola é de disciplinar.

A autora conclui que a aliança entre escola e família não é eficaz, que os pais mais despreparados e vulneráveis que não comparecem à Escola, são rotulados como irresponsáveis. Os resultados da pesquisa mostram que alguns pais se sentem ameaçados dentro do ambiente escolar porque o “caráter de aproximação entre escola e família é predominantemente correccional” (RIBEIRO, 2004, p. 255).

Pinto (2006) realizou um estudo de caso sobre as percepções de professores e encarregados da educação sobre a escola, o foco do estudo era a relação escola-família e como as representações sociais de pais e professores influenciam nas suas relações interpessoais. A pesquisa foi realizada em cinco escolas de um Agrupamento Vertical do Porto com entrevistas à 230 pais e com observação participante na escola.

Um dos resultados encontrados mostra que 97% dos pais pesquisados ajudam seus filhos nas tarefas de casa, todavia 85% dos professores acham que pela baixa escolaridade dos pais não é possível que a ajuda dispensada aos filhos surta efeito em sala de aula. Por este resultado, notamos que as famílias que vivem na pobreza e que não foram escolarizadas são marginalizadas dentro do espaço escolar e isso compete para sua baixa auto-estima. Por mais que os professores ressaltem a importância da família para o aprendizado dos alunos, quando

a família se propõe a ajudar, os professores não acreditam que ela seja capaz porque o ensino está muito “diferente”.

Segundo a autora este “diferente” faz alusão ao ensino moderno, porém esta percepção do professor vai ao encontro do modelo de escola construtivista em que o professor reconhece os pais como colaboradores da escola com competências complementares para ajudar na escolaridade dos filhos.

Em contrapartida, o grau de escolaridade baixo também faz com que 67% dos pais pesquisados se sintam incapazes de ajudar seus filhos e de discutir com os professores sobre algumas condutas observadas. Para Pinto (2006, p. 186), esta atitude reforça a relação entre professores e pais como sendo de especialistas e leigos, aproximando-se dos resultados de Ribeiro (2004).

Outro ponto contraditório é com relação à presença da família na Escola, 82% dos professores concordam que a escola deve incentivar a participação dos pais na vida escolar, contudo na escola pesquisada poucos eram os momentos de integração realizados no ano, e quando observados, os professores demonstraram sentir-se incomodados com a presença contínua dos encarregados da educação na escola.

De modo geral, independente do grau de escolaridade, os pais reconhecem a utilidade da escola para o futuro dos filhos. A escola é vista como um investimento e uma possibilidade de melhoria na situação social e profissional do aluno, ao tempo que a baixa escolaridade da família é reconhecida como uma dificuldade para o reforço da aprendizagem dos filhos.

Araújo (2008) buscou compreender quais os sentidos compartilhados pelos encarregados da educação sobre a Escola, num momento que a autora classificou como de mudanças na estrutura da família.

A pesquisa foi realizada em uma escola do distrito de Setúbal e abrangeu a grande maioria dos encarregados da educação do 3º ciclo. As profissões mais frequentes dos 207 entrevistados foram professores (12%), profissionais de atividades administrativas (11%), profissionais de vendas (9%) e domésticas (9%). A maior parte dos pesquisados (39%) possuem apenas a educação básica, 22% possuem graduação incompleta, 32% graduação completa, 5% o ensino fundamental e 2% o grau de doutor.

Para os encarregados da educação, a família é tão importante na educação dos filhos quanto a escola, sendo referência na transmissão de valores sócio-morais e fundamental para o sucesso escolar.

A finalidade da escola converge com a pesquisa de Pinto (2006), para os pais a escola dá acesso aos conhecimentos necessários e desenvolve competências para que o jovem se

integre na sociedade e consiga um lugar no mercado de trabalho. Os pais também afirmam que a escola deve respeitar as diferenças e tempos de aprendizagens, porém não acredita que ela esteja executando bem este dever. Conforme Araújo (2008, p. 140), a escola atual “querendo ser uma escola promotora de igualdade, não é uma escola equitativa”, ou seja, ela trata todos da mesma forma, sem respeitar a diversidade de alunos e suas reais necessidades.

Destacamos na pesquisa de Araújo (2008) que 72% dos encarregados da educação afirmaram que querem que os filhos sigam os exemplos encontrados em casa. A crítica feita para a educação “do passado” é sobre a passividade dos alunos e as formas rígidas de educar nas escolas, a crítica à educação atual é sobre o desrespeito às autoridades e aos mais velhos.

Com relação à participação da família na escola, a autora explica o alto índice de não comparecimento dos pais à escola como uma confiança na instituição, mas devemos considerar que este dado pode indicar que os pais não se sentem seguros e convidados a interagirem com a Escola, como analisou Pinto (2006).

Um estudo empírico foi realizado por Peres (2012) no sentido de averiguar se existem reconhecimento e valorização das dimensões formal e informal da aprendizagem em Matemática por parte dos professores e encarregados da educação.

A pesquisa apontou que as crianças que têm acompanhamento dos pais em tarefas de casa de Matemática tornam-se mais autoconfiantes, o ambiente informal de ensino e aprendizagem proporciona a compreensão de conceitos e procedimentos. Participaram do estudo professores e 56 pais dos alunos do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas de Águas Santas. O perfil destes pais aponta que 21 possuem a escolaridade básica e 35 possuem o ensino superior, 80% se consideravam bons em Matemática.

Os pais com escolaridade mais elevada afirmam que por mais que a Matemática não seja uma disciplina amada, isso não contribui para que eles diminuam a pressão sobre os filhos para ter sucesso nela. Os pais com menor escolaridade destacam as disciplinas da área de humanas como as mais favoritas por serem “mais fáceis” e mais presentes em seu cotidiano.

Para os encarregados da educação, o sucesso escolar depende mais do estudo do que de aptidões inatas, e o que mais importa aos pais é o desenvolvimento de competências para a vida e de aplicação dos conteúdos no cotidiano do aluno. Esta percepção dos pais pode ter sido fruto do amadurecimento das informações oficiais sobre o processo de aprendizagem dos alunos, ou pode ter uma zona muda das representações por trás, como na pesquisa de Gilly (2001).

A escola é vista, assim como apontaram as pesquisas de Ribeiro (2004), Pinto (2006) e Araújo (2008), como um espaço de excelência de preparação para uma empregabilidade futura. Contudo, não foi possível perceber pela pesquisa de Peres (2012) qual a ancoragem desta representação e quais os seus discursos contraditórios.

O que podemos destacar é o crescimento do aluno apontado por pais e professores quando as atitudes face à disciplina são positivas e quando há um acompanhamento nas tarefas de casa, mas não podemos precisar se este achado recai na zona de desejabilidade social como identificou Pinto (2006) nos não-ditos dos pesquisados.

6 CONSIDERAÇÕES

Este artigo teve o objetivo de apresentar pesquisas sobre as representações sociais de escola por professores e pais, na tentativa de compreender se há relação entre os sentidos compartilhados por estes sujeitos, o contexto social e o desempenho escolar.

Pela pesquisa de Lopes Neta (2013) percebemos que a falta de segurança e assistência social no bairro influencia o baixo desempenho dos alunos, particularmente em Matemática. As representações sociais dos professores das escolas pesquisadas nos mostram que o processo democrático facilitou a oferta de vagas para os alunos na rede pública, mas os professores não estão preparados para lidar com a nova demanda que chega às escolas. Isso tem desencadeado uma sensação de desvalorização do docente, onde ele finge que ensina e o aluno finge que aprende, e a escola se transforma num faz de conta com um perceptível hiato entre as benesses democráticas e a equidade social.

Os encarregados da educação acreditam na escola como mecanismo de ascensão social, mas pelas pesquisas de Ribeiro (2004) e Pinto (2006) a situação de pobreza e a pouca escolaridade fazem com que eles não se sintam convidados a participar da escola e a questionar o que acontece nela. Como acreditam que não são capazes de dialogar com “quem tem estudo”, a postura destes pais é de aceitação e defesa da escola, mas também de acomodação frente ao fracasso dos filhos pela própria experiência.

Diante do exposto, conjecturamos que os encarregados da educação de escolas inseridas em comunidades com alto índice de violência e em situação de vulnerabilidade social, mesmo creditando à escola a possibilidade de crescimento pessoal, social e profissional, não acreditam que eles possam superar as dificuldades e vencer pelo estudo. Um fator mediador que poderia amenizar estas percepções seria a figura do professor, contudo ele também não se sente preparado para encarar esta diversidade de alunos presentes nas escolas.

Estes sentidos compartilhados nas famílias têm influência na escola no baixo aprendizado dos alunos e consequente ausência de equidade no desempenho escolar.

DEMOCRACY X PRETENDS: WHEN SOCIOECONOMIC CONDITIONS THREATEN EQUITY IN SCHOOL PERFORMANCE?

ABSTRACT

Democracy provides the right choice for all layers of society, but the options do not seem to be fair. Possible explanatory models for school inequalities bring the applicant relationship between school success and social conditions, however successful cases of less privileged classes instigate investigations into shared by the guardians about the school and the influence of the senses positive expectations about school performance of children. This paper presents a theoretical essay on the social representations of school for teachers and guardians that show us what should be the social function of the school and where socioeconomic conditions may be preventing the promotion of the subject. Studies realized by Gilly (2001), Ribeiro (2004), Pinto (2006), Araujo (2008) and Peres (2012), that school is a place of excellence for social and cultural growth of the children, but at the same time parents feel unable to help them and the school success becomes almost impossible in the face of difficulties experienced by poor families and low education. In contrast, studies Simões (2012) and Lopes Neta (2013) show shared by teachers senses before this demand as students with different needs.

Keywords: social representations of school; teachers; guardians; violence.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: A. S. P. MOREIRA; D. C. OLIVEIRA (Eds). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB Editora, 2000, p. 27-38.

ARAÚJO, M. I. P. **As representações sociais da escola e da família: uma perspectiva de país numa escola de ensino básico**. Lisboa: Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação com especialidade em Administração e Gestão Educacional, apresentada ao Departamento de Ciências da Educação da Universidade Aberta de Portugal. 2008.

GILLY, M. As Representações Sociais no campo da Educação. In: D. JODELET (Org.). **As Representações Sociais** (L. R. Ulup, Trad.). Rio de Janeiro: Editora UERJ. 2001, p. 321-341.

LOPES NETA, N. A. **Infratores, apenados e a Matemática: As representações sociais de escola por professores**. Recife: Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática e Tecnológica, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco. 2013.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público** (S. Fuhrmann, Trad.). Petrópolis: Vozes. 2012. (Obra original publicada em 1961 com o título *La psychanalyse son image et son public*).

MENIN, M. S. S. O aspecto normativo das representações sociais: comparando concepções. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 30, p. 121-135, 2007.

PERES, M. J. C. V. **O sucesso escolar começa em casa: entre a escola e a vida, contextos de aprendizagem Matemática**. Lisboa: Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação, apresentada à Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. 2012.

PINTO, M. T. H. P. **A relação escola-família num agrupamento vertical de escolas**. Aveiro: Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ativação do Desenvolvimento Psicológico, apresentada ao Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro. 2006.

RIBEIRO, D. F. **Os bastidores da relação família-escola**. Ribeirão Preto: Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 2004.

SIMÕES, A. A. **The contribution of Bolsa Família to the educational achievement of economically disadvantaged children in Brazil**. Sussex: Tese para obtenção do grau de Doutor em Filosofia, apresentado à University of Sussex. 2012.

Recebido em 27 de fevereiro de 2014. Aprovado em 24 de abril de 2014.